

# A preguiça

**O trabalho é uma estupidez.**

- **Não vim ao mundo a trabalho, vim a passeio** - dizia Jorginho Guinle, famoso *play-boy* carioca, que havia herdado o Copacabana Palace. Vendeu sua parte no hotel, estimou seu tempo de vida e planejou gastar tudo ao longo de regalada existência. Mas demorou morrer, chegando a passar necessidades no fim.

Jorge Guinle,(1916- 2004) herdeiro milionário pertencente a uma família tradicional da elite financeira carioca. Orgulhava-se de ter gasto uma fortuna equivalente a cem milhões de reais que lhe foi deixada de herança. "Vivi o que quis, quando eu quis"<sup>1</sup>.

- **A maior hipocrisia é aposentado procurar serviço dizendo que não consegue ficar parado** - diz meu amigo Mauro Queiroz, que se orgulha de não mais trabalhar.

- Como se acostumou à inatividade? - questionei.

- Que nada! O homem se acostuma a tanta coisa ruim, como não vai se acostumar ao bem bom?

Muitos preferem uma vida folgada e milagrosa, como o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage<sup>2</sup>:

“Lá quando em mim perder a humanidade  
Mais um daqueles que não fazem falta,  
*Verbi-gratia* - o teólogo, o peralta,  
Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade:

---

<sup>1</sup> <http://pt.wikipedia.org>

<sup>2</sup> [www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

Não quero funeral comunidade,  
Que engrole *sub-venites* em voz alta;  
Pingados gatarrões, gente de malta,  
Eu também vos dispenso a caridade:

Mas quando ferrugenta enxada idosa  
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

"Aqui dorme Bocage, o putanheiro;  
Passou a vida folgada, e milagrosa;  
Cameu, bebeu, fodeu, sem ter dinheiro."

Há anos, eu estava em Roma e uma turba de grevistas em passeata fazia poderosa algazarra. Exibiam um cartaz com esta pérola: "o trabalho debilita o homem e o transforma em uma besta".

- "*Si tienes gana de trabajo, sienta-te que pasa*" - dizem os bolivianos.

- Isso é trabalho de branco - dizem os camaroneses.

Trabalho de branco é aquele no qual se inicia na juventude para se aposentar na velhice, após 35, 40 anos no batente. Como dizem os africanos: "só os brancos são capazes de tamanha estupidez". Em Camarões, meu motorista tinha um trato com os irmãos: enquanto uns trabalhavam, outros folgavam. Desta forma poderia trabalhar por alguns anos e ter um longo período de descanso, já que um irmão trabalharia pelo outro.

Sem pretensões científicas, podemos classificar as nações: as que trabalham e as que fingem trabalhar.

Convido o leitor a refletir sobre tema tão interessante.

## **Trabalho é maldição**

Na Bíblia o trabalho é tido como castigo. Ao expulsar Adão e Eva do paraíso o SENHOR teria lançado essa maldição sobre a espécie humana: "Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar."(Gênesis 3:19)

Interessante notar que essa lenda de Adão e Eva escrita por Moisés no texto bíblico é de origem suméria, provavelmente levada de Ur, (hoje, Nassirya,

Iraque) por Abraão, há quatro milênios e transmitida oralmente a seus descendentes.

Vale dizer que a maldição lançada sobre o trabalho é muito anterior ao povo israelita, alguns milênios antes do primeiro livro bíblico. Certamente anterior ao dilúvio que de fato ocorreu na Suméria (Mesopotâmia) por volta de 6500 a.C.. Desta forma é natural que a tradição judaico-cristã-islâmica tenha o trabalho como o pior encargo.

A palavra "trabalho" tem sua origem no vocábulo latino "TRIPALIUM": denominação de um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (paliu). Desse modo, originalmente, "trabalhar" significa ser torturado no tripaliu. Quem eram os torturados? Os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos. Assim, quem "trabalhava", naquele tempo, eram as pessoas destituídas de posses. A partir daí, essa idéia de trabalhar como ser torturado passou a dar entendimento não só ao fato de tortura em si, mas também, por extensão, às atividades físicas produtivas realizadas pelos trabalhadores em geral: camponeses, artesãos, agricultores, pedreiros e outros. Tal sentido foi de uso comum na Antigüidade e, com esse significado, atravessou quase toda a Idade Média. Só no século XIV começou a ter o sentido genérico que hoje lhe atribuímos, qual seja, o de "aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim".<sup>3</sup>

### **Para não trabalhar, vale tudo**

Com tanto horror à atividade utilitária, nossos ancestrais inventaram seis soluções magníficas:

- o latrocínio;
- a corrupção;
- a guerra;
- o juro, bem antes da existência da moeda, limitado a 1/6 do capital no Código de Hamurabi (1850 a.C. ), sexto rei da quinta dinastia babilônica;
- a escravidão, também regulamentada no código citado;

---

<sup>3</sup> <http://www.dicionarioetimologico.com.br>

- e, no século XIX, Karl Marx inventou o socialismo que se baseia na distribuição da riqueza, e, evidentemente, valoriza a preguiça geral.

Aí ficou mais fácil. Os miúdos praticam o latrocínio, os políticos e funcionários do governo, a corrupção; os reis fazem a guerra, uma classe social passa a viver de juros, outra explora o trabalho escravo; os socialistas dividem a riqueza e fingem que trabalham.

- E quem vai ao batente?

### **O latrocínio**

O roubo sempre existiu. E sempre foi condenado pela lei. Pela lei de Hamurabi, a mais antiga conhecida; pela lei mosaica: “não furtarás”; pela lei romana, pela lei islâmica e por todas as leis como vício odioso.

Mas, não é bem assim. Nem sempre as leis condenam.

Há dois milênios, no Calvário, Jesus foi crucificado entre dois ladrões. À esquerda, Gestas o desafiou a descer da cruz pois era filho de Deus. À direita, Dimas se dirigiu ao mestre humildemente: “lembras-te de mim quando estiveres no paraíso”. Pelo gesto humilde, recebeu o perdão. Pela arrogância, Gestas foi ignorado. A mensagem cristã é clara: ao humilde se perdoa ao arrogante não se ajuda.

Passados vinte séculos, países cristãos, como o Brasil, continuam a perdoar os ladrões que se arrependem. Basta que se arrependam. Mas, as nações cristãs, protestantes, ignoram este ensinamento do Mestre por ferir o senso de justiça e seguem a postura judaica pregada no Velho Testamento.

Por outro lado, a prática islâmica é radical: só Deus pode perdoar. Desta forma, os ladrões são sempre punidos. Não há benevolência e não existe a figura do Bom Ladrão que os católicos chamam de São Dimas. Como consequência, as nações católicas cultivam os ladrões com leis benevolentes que tudo fazem para não punir.

### **A corrupção**

Em 22 de junho do ano 79, o imperador romano Tito Flavio Vespasiano<sup>4</sup> escreveu a seguinte carta a seu filho Tito Lívio que destruíra Jerusalém e saqueara-lhe o Templo.

---

<sup>4</sup> <http://pt.wikipedia.org>- Tito Flávio Sabino Vespasiano(9d.C.-79 d.C) foi o imperador romano que ocupou o poder de 69 a 79 d.C., logo após o suicídio de Nero em 68 d.C. Pedimos perdão ao leitor por não possuímos a referência comprobatória da veracidade desta carta.

"Tito, meu filho, estou morrendo. Logo eu serei pó e tu, imperador. Espero que os deuses te ajudem nesta árdua tarefa, afastando as tempestades e os inimigos, acalmando os vulcões e os jornalistas. De minha parte, o que posso fazer é dar-te um conselho: não pare a construção do *Colosseum*. Em menos de um ano ele ficará pronto, dando-te muitas alegrias e infinita memória.

"Alguns senadores o criticam, dizendo que deveríamos investir em esgotos e escolas. Não dê ouvidos a esses poucos. Pensa: onde o povo prefere pousar seu *clunis*: numa privada, num banco de escola ou num estádio? Num estádio, é claro.

"Será uma imensa propaganda para ti. Ele ficará no coração de Roma por "*omnia saecula saeculorum*", e sempre que o olharem dirão:

'Estás vendo este colosso? Foi Vespasiano quem o começou e Tito quem o inaugurou'.

**"Outra vantagem do *Colosseum*: ao erguê-lo, teremos repassado dinheiro público aos nossos amigos construtores, que tanto nos ajudam nos momentos de precisão.**

"Moralistas e loucos dirão que mais certo seria reformar as velhas arenas. Mas todos sabem que é melhor usar roupas novas do que remendadas.

"*Vel caeco appareat*" (Até um cego vê isso).

"Portanto debes construir esse estádio em Roma.

"Enfim, meu filho, desejo-te sorte e deixo-te uma frase:

*`Ad captandum vulgus, panem et circenses'* (Para seduzir o povo: pão e circo).

"Esperarei por ti ao lado de Júpiter."

PS.: Vespasiano morreu no dia seguinte à carta. Tito inaugurou o Coliseu com 100 dias de festa. Tanto o pai quanto o filho foram deificados pelo senado romano.

Observe que o Imperador cita textualmente a corrupção praticada com os empreiteiros de obras públicas, certamente tão antiga quanto as mesmas.

Vamos a outro exemplo.

No ano 330, Constantino<sup>5</sup>, o Grande, inaugurou uma nova capital para facilitar a administração do império romano. A cidade de Bizâncio, hoje Istanbul, foi inteiramente reconstruída para ser a Nova Roma<sup>6</sup>. Esta mudança administrativa preenchia duas grandes necessidades: melhorar a localização geográfica da capital; esvaziar Roma, cidade dominada há séculos por corrupção endêmica. Para aprofundar essa reforma administrativa, adotou a religião cristã como religião do estado porque os seguidores de Cristo eram íntegros. Esvaziou o prestígio do Papa fortalecendo o Patriarca de Bizâncio. Patrocinou a realização do Concílio de Niceia e de Éfeso. Por decreto criou o descanso semanal aos domingos. Proibiu a crucificação, desenhou uma cruz no escudo do legionário e escolheu o dia de Natal em 25 de dezembro. Em suma, criou uma sede cristã para o Império, livre da corrupção reinante em Roma, embora não fosse seguidor de Cristo.

Veja que a corrupção pode destruir uma nação, sendo um dos maiores entraves ao desenvolvimento.

No período colonial brasileiro a corrupção já era endêmica. Pe. Antonio Vieira, famoso clássico da língua portuguesa, escreveu em 1655:

*“Porque começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque, como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam, e, para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam*

---

<sup>5</sup>-A tradição cristã diz que era filho de Santa Helena, que foi serva de seu pai, Constantinus Clorus, que também foi Imperador.

<sup>6</sup> Blainey, Geoffrey, Uma Breve História do Cristianismo, editora *Fundamento*, São Paulo. Professor em Harvard. As principais cidades do Império eram: Roma (350 mil habitantes); Alexandria (216 mil); Antióquia, hoje Smirna; e Jerusalém. O Concílio de Niceia escreveu o credo, oração que os católicos rezam na missa e que resume a crença em Pai, Filho e Espírito Santo. O Concílio de Éfeso decidiu que os textos bíblicos do Novo Testamento fossem ordenados e expurgadas as falsas histórias sobre a vida de Jesus que circulavam livremente escritas por diversos seguidores. Foi escolhido um doutor de raro saber que dedicou sua vida a estudar e escolher aquilo que deveria merecer fé e ser publicado. Desta forma, São Jerônimo publicou a Vulgata, a Bíblia em latim vulgar, que permanece até hoje como texto sagrado, com apenas quatro evangelistas: Mateus, João, Marcos e Lucas.

*pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem e, gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia, sem vontade, as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal ao daqueles que manejam muito, e basta só que ajuntem a sua graça, para serem quando menos meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque, sem pretexto nem cerimônia, usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que os outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não têm o fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas, porque a primeira pessoa do modo é a sua, as segundas os seus criados, e as terceiras quantos para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente - que é o seu tempo - colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões, e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente, e do futuro empenham as rendas e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes venha a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos, não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, **plus quam** perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar se mais houvesse. Em suma, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tivessem feitos grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos, e elas ficam roubadas e consumidas<sup>7</sup>”*

Para combater a corrupção, Constantino construiu uma Nova Roma.

- Será que devemos construir uma Nova Brasília?
- Que religião deveria ser adotada para dar um choque de seriedade ao Novo Brasil? A islâmica, que é rígida com os corruptos, ladrões e assassinos?

---

7-Pe Antonio Vieira, Sermões (Sermão do Bom Ladrão), vol IV, Lello & Irmão Editores, Porto, 1950, pp. 125-27.

Mas, temos que fazer um reparo, pois as coisas não são exatamente desta forma. A corrupção não é fruto apenas da preguiça, mas também da ganância desmedida e da crença segundo a qual o mal seja compensador.

Algumas culturas humanas acreditam que o mal seja castigado por Deus. Mas o homem moderno raramente acredita em castigo divino. Porém, com prazer, observamos que os budistas têm uma interpretação muito diferente: não falam em castigo divino, mas acreditam que o mal traga inevitavelmente a infelicidade humana aqui e agora.

## **A Guerra Como Geração da Riqueza**

Para conseguir riqueza e poder Júlio Cesar invadiu a Gália em abril do ano 58 a.C. sem a autorização do Senado romano. A campanha que parecia fácil revelou-se muito penosa: durante oito anos muito difíceis César dormiu em uma barraca de campanha, impedido de retornar a Roma e sem chance de visitar a família. Quando os gauleses pareciam derrotados, com Vercingetórix e seus combatentes sitiados em Alésia, tendo sacrificado as mulheres e as crianças para economizar alimento, os numerosos chefes espalhados pelo território, que nunca se uniam, conseguiram atacar as legiões romanas com 250 mil combatentes reunidos de todas as tribos. Mesmo com um exército faminto e cinco vezes menos numeroso, Cesar venceu. Vercingetórix se entregou sabendo que seria humilhado e executado, implorando apenas que não dizimasse seu povo. Não obstante todas as dificuldades, a Gália foi anexada. Correspondia aos atuais territórios da França e da Bélgica. Três milhões de gauleses morreram e um milhão foram escravizados.

Resumindo: em pouco mais de oito anos um território imenso foi conquistado; um milhão de escravos capturados, mais os despojos. Em apenas oito anos Cesar alcançou a riqueza e a glória.

No ano 70 Tito Lívio Vespasiano destruiu Jerusalém: um milhão e cem mil judeus foram mortos, noventa e sete mil escravizados e o tesouro do Templo foi para Roma. Com este aporte de caixa, Tito terminou a construção do Coliseu cujas obras tinham sido iniciadas por seu pai.

No ano 101 o império romano atravessava séria crise financeira. Trajano, o Imperador, poderia ter recorrido aos grandes economistas de Harvard para ter um plano de desenvolvimento econômico. Não é assim que se fala hoje? Mas foi direto ao ponto: sabia-se que Decébalos, rei da Dácia<sup>8</sup>, hoje

---

<sup>8</sup> Os dácios formavam um ramo do povo trácio que vivia no Norte dos Balcãs (Bulgária-Romênia). Espártaco era trácio.



Romênia, possuía uma enorme reserva aurífera enterrada sob as águas do rio. Trajano marchou sobre os dácios se apoderou do ouro, anexou o território e decapitou Decébalos<sup>9</sup>. Tudo isso em cinco anos. Ou seja, em apenas cinco anos Roma conseguiu recompor as finanças do império. Esta maneira de agir sempre reforçou a ideia de que a riqueza não pode ser gerada por meio do trabalho.

No ano 117 Adriano sucedeu a Trajano. Era seu general mais respeitado. Mas foi o único imperador romano que acreditava no trabalho como grande gerador de riqueza. Durante seus 21 anos de reinado o império romano viveu em paz. Teve dificuldades com a revolta dos judeus, que foram massacrados, escravizados e expulsos de Jerusalém. Ele mudou o nome da Judeia para Palestina para apagar qualquer herança judaica. Foi grande administrador. Era humanista, amante das artes. Sendo general, era inacreditável que preferisse o trabalho à guerra, que sempre foi considerada como uma forma eficiente de gerar a riqueza.

O império romano era uma máquina de guerra. Toda a economia do estado se baseava na conquista bélica, que gerava o saque, que fornecia os escravos e que pagava os tributos.

Entretanto, devemos fazer um reparo: nem sempre a preguiça de trabalhar é causadora da guerra. Antes, a ganância pelo dinheiro e a fome de poder.

A ideia de que o trabalho deve ser o motor da riqueza é bem moderna. Apenas se materializou após a Segunda Grande Guerra, com a criação da ONU e do Banco Mundial.

## **Os juros, como reforço ao ócio**

Os juros são anteriores à moeda. A mercadoria emprestada era paga com juros. Encontramos referência sobre a matéria no Código de Hamurabi, 1792-1750 a.C., sexto rei da primeira dinastia babilônica<sup>10</sup>. Este código de leis estabelece um valor fixo para os juros em 1/6 por ano, ou seja, 16,67 % anuais, a ser pago na mercadoria emprestada, ou em outra, se o devedor não tiver como liquidar o débito na mercadoria originalmente transacionada.

---

<sup>9</sup> Alguns historiadores dizem que Decébalos suicidou para não padecer sob os romanos.

<sup>10</sup> Rosamund E. Mack, The Code of Hamurabi, Ministério da Cultura e da Informação do Iraque, Bagdá, 1979. O Código de Hamurabi é o quarto código editado na Mesopotâmia e o mais antigo conhecido. Acha-se no museu do Louvre, em Paris. É gravado em um bloco de pedra (diorito) de 2,5 m de altura, em escrita cuneiforme e língua acádica.

“Se um mercador emprestou cereal ou prata, ele deverá receber de juros 100 *sila* de cereal por *gur*; se ele emprestou prata ele deverá receber de juros 1/6 de *shekel*, de 6 grãos, por cada *shekel* de prata (...) se a pessoa que recebeu o empréstimo não possui prata para dar em pagamento, mas, cereal, o mercador terá que receber cereal como pagamento a uma taxa de acordo com as ordens reais; mas, se o mercador aumentar os juros acima de 100 *sila* de cereal por *gur*; ou acima de 1/6 de *shekel* de 6 grãos por *shekel* de prata, ele perderá tudo que emprestou.” (Tradução do inglês, do autor).

Após a criação dos juros e da moeda, apareceu a primeira casa bancária<sup>11</sup>.

“A primeira referência conhecida de uma casa bancária é da Suméria, de 550 a.C., onde é, hoje, o Iraque. Foram desenterrados os arquivos de um banco com 150 anos de contabilidade registrada. A história conta que, em 597 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou Israel, trazendo cativos os judeus, que eram pastores e, nesta época, desprezavam as atividades comerciais que lhes eram de má reputação. Mas a necessidade de sobreviver sem os rebanhos fez com que o profeta Jeremias os exortasse a praticar as atividades mercantis que desprezavam. Cinquenta anos após o início do cativeiro, quando o imperador persa, Ciro II, o Grande, conquistou a Babilônia e libertou os judeus, tinha já este povo dominado o comércio e a atividade bancária na região. Muitos já haviam se enriquecido e recusaram-se a regressar à pátria que lhes fora devolvida pelo conquistador. Assim, há quase 2600 anos, os judeus têm se dedicado à atividade mercantil e bancária. Nesta época, o banco já emitia a carta de fiança, garantindo as transações financeiras.”

O juro embora condenado pelo judaísmo, pelo cristianismo e pelo islamismo, prevaleceu. É verdade que os judeus ficaram famosos pela agiotagem. Mas eram impedidos de cobrar juros de judeus. Santo Tomás, o mais influente doutor da Igreja, deixou essa perla: “*pecunia pecuniam non parit*” ou seja, o dinheiro não gera o dinheiro. E a Igreja sempre condenou o juro: é o pecado da usura. Em países islâmicos conservadores, até hoje nem os bancos podem cobrar juros. Eles cobram uma “participação” nos negócios.

---

<sup>11</sup> Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1992, p. 311: "Murashu & Filhos-Grande Banco Internacional-seguros, contratos de empréstimos e arrendamentos-bens móveis e imóveis-sede em Nippur-filiais em todas as praças.

Agiotas foram perseguidos e mortos ou penalizados no mundo inteiro no decorrer dos séculos, inclusive no Brasil. A atividade de emprestar a juros sempre foi odiosa em todas as culturas. Mas é uma grande solução para quem não quer enfrentar o batente: espinhosa, mal vista, mas rentável.

### **Martinho Lutero: uma religião contra a preguiça.**

O protestantismo foi, talvez, o primeiro movimento religioso, em toda a história da humanidade, a valorizar a criação da riqueza e o investimento dos lucros; condenando o esbanjamento de recursos, exigindo, mesmo dos ricos, muito trabalho, como forma de glorificar a Deus. Sendo os lucros reinvestidos justifica-se, perante Deus, algum deslize cometido no processo de enriquecimento, com a geração de mais riqueza, permitindo ao homem completar a obra da criação do mundo.<sup>12</sup>

“O desenvolvimento econômico é uma das formas pelas quais se dá continuidade à obra divina da criação do mundo; este desenvolvimento exige a criação de riquezas e o investimento dos lucros (...), pois, contrariando as formas de boa gestão dos lucros, o homem contraria o plano divino (...) que, segundo as palavras do apóstolo Paulo, não é o homem que age, mas Deus, através dele.”<sup>13</sup>

O movimento da Reforma, iniciado por Lutero no século XV, deu inteira aprovação à cobrança de juros e à realização de lucros nas transações comerciais<sup>9</sup> para fins justificáveis.

Max Weber analisa em profundidade este tema e cita na mesma obra:

“A pobreza é, muitas vezes, sintoma de indolência pecaminosa. Apenas o trabalho serve para aumentar a glória de Deus. A perda de tempo é o primeiro e o maior de todos os pecados. Quem não trabalha não deve comer. A falta de vontade de trabalhar é sintoma da ausência do estado de graça. Um homem preguiçoso e indolente não pode ser um cristão e ser salvo.”<sup>14</sup>

Os puritanos protestantes levaram o conceito de juro à religião, ao introduzirem o "livro contábil" religioso, no qual se dava entrada, ou eram tabulados os pecados, as tentações e os progressos feitos na graça. O próprio

---

<sup>12</sup> WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Livraria Pioneira, São Paulo, 1972, p. 112-113 e 207.

<sup>13</sup> Octave Gélienier, *Morale de l'Entreprise et Destin de la Nation*, Librairie Plon, Paris, 1965, p. 140.

<sup>14</sup> WEBER, Max, op. Cit., p. 222

Benjamin Francklin possuía um livro contábil para calcular as graças, cita Weber.<sup>15</sup>

No Brasil, por ocasião da expulsão dos holandeses em 1654, os judeus de Recife se mudaram para Nova York, que era apenas um povoado chamado Nova Amsterdã, em uma região pantanosa e desabitada, não pertencente à Inglaterra. Era o capital buscando sua multiplicação.

## **A escravidão.**

Eis outro invento maravilhoso para implementar o ócio.

Leia a provação de Aristóteles<sup>16</sup>:

*“a utilidade dos animais domésticos e a dos escravos é mais ou menos a mesma: tanto uns, quanto outros, ajudam-nos, através de sua força física, a satisfazer as necessidades da existência... Assim, a guerra é um meio natural, pois ela compreende esta caça que se deve fazer aos animais selvagens e aos escravos, que, nascidos para obedecer, se recusam à obediência”.*

São Paulo a considerava um mal inevitável.

Em 1500 Cabral chega ao Brasil. Mas a colonização só começou em 1532. Como os colonos eram poucos diante da imensidão territorial brasileira, duas práticas foram implementadas: os portugueses tinham ordem para permanecer no litoral povoando e fortificando-o; ou seja, eram impedidos de explorar o interior do país; a segunda ação implementada foi adotar a escravidão porque não se dispunha de recursos humanos para desenvolver tão desmedida nação. Nem se toda a população lusitana viesse para o Brasil esta necessidade seria suprida. Desta forma, o primeiro navio negreiro chegou a Recife em 1548. E tivemos a maior servidão negra de todos os tempos, pela sua duração, pelo número de escravos e pela sua representatividade na economia, sendo responsável por quase cem por cento da produção brasileira. Era apoiada pela Igreja por ser a forma mais

rápida e eficaz de evangelizar os gentios. Os padres tinham escravos. E, muitas vezes, tinham filhos com as servas<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup>Max Weber, op. cit., p. 86.

<sup>16</sup>MABIRE, Jean; MARAVAL Denis; PITTE, Jean-Robert; SAINTSAUVER, Patrice de; L'Histoire Generale de L'Afrique, Éditions F. Beauval, Paris, 1972. Capítulo La Traite des Noirs, p. 97.

Em 1839, em Londres, foi criada a Anti-Slavery International<sup>18</sup> que até hoje tem combatido a escravidão.

Por mais seja combatida, a servidão humana ainda continua existindo sob as mais diversas formas em todos os continentes, inclusive na Europa. Ainda existem entre 21 e 30 milhões de escravos, 14 milhões na Índia<sup>19</sup>.

## **O Socialismo**

No século XIX um filósofo muito criativo, com a intenção de acabar com os agiotas, com a pobreza e com a escravidão, teve uma ideia brilhante: inventou o socialismo. Karl Max, como era muito preguiçoso, pregou a distribuição das riquezas. Como nunca trabalhou, o socialismo é a preguiça institucionalizada. Como culto à pobreza deu certo. Veja o exemplo de Cuba.

No Brasil, as leis trabalhistas, inspiradas em Max, incentivam o ócio: férias longas e bem remuneradas; seguro desemprego alongado, próprio a quem não quer trabalhar; direitos trabalhistas exagerados.

Mas, o socialismo humanizou a vida do trabalhador. Nos Estados Unidos, em 1935, crianças de 8, 9 anos trabalhavam até dez horas por dia, sem direitos trabalhistas. Na Inglaterra, até apanhavam do feitor<sup>20</sup>.

Não é sem razão que Marx escreveu: “se o dinheiro (...) vem ao mundo com uma mancha congênita de sangue numa das faces, o capital vem pingando da cabeça aos pés, de todos os poros, sangue e lama”. O mesmo autor, falando sobre a brutalidade do capitalismo, se refere ao trabalho infantil a partir de dois anos de idade, em uma fábrica inglesa: “Em 1883, a Comissão fez novamente um relatório sobre o emprego de crianças nas fábricas. Neste relatório há o

---

<sup>17</sup>MATHIAS, Herculano Gomes; OLIVEIRA, Tarquínio Barbosa de, Autos da Devassa da Inconfidência Mineira<sup>17</sup>Max Weber, op. cit., p. 86., volumes 3, 5, 6, 8 e 9, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1976; vol. 3, pp. 138 e 453). É bem conhecida a história da Inconfidência Mineira: eram 24 inconfidentes, entre os quais cinco padres. Dos 24 acusados, apenas dois não tinham filhos com as escravas: Cel. Antonio de Oliveira Lopes e seu filho homônimo. Pe. Rolim tinha cinco rebentos com Quitéria Rita, filha da famosa Chica da Silva, que lhe guardou os bens enquanto esteve no exílio, de 1792 a 1804.

<sup>18</sup> [www.antislavery.org](http://www.antislavery.org)

<sup>19</sup> [www.antislavery.org](http://www.antislavery.org)

<sup>20</sup> Leo Huberman, A História da Riqueza do Homem, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972, pp.172-191

depoimento de Thomas Clarke, de 11 anos: (...) Sempre nos batiam se adormecíamos (...) o capataz costumava pegar uma corda da grossura de meu polegar, dobrá-la, e dar em nós (...) Eu costumava ir para a fábrica um pouco antes das 6, por vezes às 5 e trabalhar até às 9 da noite. Trabalhei toda a noite, certa vez (...) Meu irmão faz o turno comigo. Ele tem 7 anos.”

Como pode-se ver, o socialismo apareceu como resposta à ganância desenfreada do capitalismo, mas foi catalisado pela preguiça de seu criador.

### **A preguiça portuguesa, oficializada**

Bem diferente do norte-americano, o bom português não executava trabalhos braçais. Cito Mãe África, p. 235 e seguintes:

Texto de Dimas Perrin mostra esta característica da mentalidade reinante no século XVIII:

“Para a oligarquia dominante portuguesa, o trabalho manual era atividade indigna(...) Inácio José de Alvarenga Peixoto nasceu em 1744, no Rio de Janeiro, estudou na Universidade de Coimbra, formando-se em advocacia em 1767. Em 12 de agosto deste mesmo ano, requereu ao Rei a concessão de certificado de “pátria comum” para lecionar nesta Universidade. No requerimento que apresentou, declarava ser de bons costumes, limpo de sangue e não ter nenhum parente, ascendente ou descendente, que exercesse ofício manual(...) Quem trabalhasse para ganhar a vida ou descendesse de quem assim procedesse ou houvesse procedido, não podia desempenhar qualquer função administrativa ou intelectual(...)”. Mas não conseguiu em tempo hábil o “atestado de bons costumes” porque um de seus avós havia exercido ofício manual: era escultor.

Sérgio Buarque de Hollanda<sup>21</sup>, em Raízes do Brasil, é ainda mais enfático: “É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente do ponto de vista da antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais do que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa do que a contemplação e o amor”.

---

<sup>21</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1991, p. 10.

## **A preguiça indígena**

*A enxada é que não se firmou nunca na mão do índio nem na do mameluco, diz Gilberto Freyre em Casa Grande, Senzala. Na realidade, nossos ancestrais silvícolas ainda não tinham descoberto a agricultura como fonte de subsistência. O máximo que faziam era uma pequena plantação de mandioca. Viviam do extrativismo, da caça e da pesca não conhecendo a atividade laboral.*

## **A preguiça na visão de algumas pessoas muito importantes.**

O Presidente Tancredo Neves falava: “para descansar, temos a eternidade”. “Quem não trabalha, rouba” - dizia meu pai. “Rouba do pai, da mãe, dos irmãos...”

O maior filósofo chinês, Confúcio, escreveu: “A preguiça caminha tão devagar, que a pobreza não tem dificuldade em alcança-la”.

O Profeta Maomé, criador do islamismo, sentenciou: “Da mesma maneira que a água parada fede e apodrece ao perder sua fluidez, a fonte de sua vida, as pessoas preguiçosas que se abandonam ao conforto e à facilidade inevitavelmente começam a apodrecer e tornam-se perdedores. O desejo de conforto é o primeiro alarme e sinal da morte”.

Gandhi, o Manhatma, dizia: "Existem dois dias no ano em que nada se pode fazer: ontem e amanhã".

Sidarta Gautama, o Buda, o Iluminado, considerou a preguiça como a mãe de todos os vícios e a inimiga de todas as virtudes. Deixou-nos esta pérola: “ Não há nenhuma tarefa espiritual mais importante do que eliminar a nossa preguiça”.

Acredito na postura budista como a mais evoluída e a mais bem fundamentada de todos os tempos: a preguiça paralisa a ação humana. Mãe de todos os vícios, fundamenta-se na ilusão de que o mal pode gerar o bem, a saúde, a longevidade e a felicidade humana...Mas, como diziam os latinos: “*corvus columbam non parit*” ou seja: o urubu não gera a pomba. A preguiça é o mal disfarçado em virtude, que não faz alarde, que não aparece na TV. Por nada realizar, todo preguiçoso se julga honesto.

Fidencio Maciel, em São Francisco, 01.02.2015

FIM